



Reflexão

E-ISSN: 2447-6803

sbi.neditoracao@puc-campinas.edu.br

Pontifícia Universidade Católica de

Campinas

Brasil

Costa Baptista MARIANI, Ceci Maria
Religião e espaço público: secularização, globalização e educação
Reflexão, vol. 40, núm. 2, julio-diciembre, 2015, pp. 237-242
Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=576561478009>

- ▶ [Como citar este artigo](#)
- ▶ [Número completo](#)
- ▶ [Mais artigos](#)
- ▶ [Home da revista no Redalyc](#)

Religião e espaço público: secularização, globalização e educação¹

Religion and the public space: Secularization, globalization and education

Ceci Maria Costa Baptista MARIANI²

Resumo

Esta é uma comunicação sobre o 28º Congresso da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião realizado entre os dias 14 e 17 de julho de 2015, em Belo Horizonte (MG), e que teve como tema “Religião e espaço público: cenários contemporâneos”, estruturado em três grandes eixos: secularização, globalização e educação. Procuramos retomar aqui as conferências e mesas redondas, refletindo sobre a articulação entre elas e a maneira como abordaram esses conceitos tão importantes para a reflexão teológica e para os estudos de religião.

Palavras-chave: Educação. Espaço público. Globalização. Religião. Secularização. Soter.

Abstract

This is a communication about the 28th Congresso da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião on 14-17 July 2015. The theme of the Congress was “Religion and the public space: contemporary settings”, which was divided into three main areas: secularization, globalization and education. Our goal was to reexamine the conferences and round tables, reflect on the relationship among them and how they approached these important concepts regarding theological reflection and religious studies.

Keywords: Education. Public place. Globalization. Religion. Secularization. Soter.

A Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (SOTER) comemorou seus 30 anos no último Congresso, realizado entre os dias 14 e 17 de julho na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, elegendo como tema “Religião e espaço público: cenários contemporâneos”. Este foi estruturado em três grandes eixos: secularização, globalização e educação. As grandes conferências e as mesas redondas foram organizadas de forma a contemplar

¹ Artigo elaborado a partir das notas sobre o 28º Congresso da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião realizado entre os dias 14 e 17 de julho de 2015, em Belo Horizonte (MG).

² Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Faculdade de Teologia, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. Rod. Dom Pedro, km 136, Pq. das Universidades, 13086-900, Campinas, SP, Brasil.
E-mail: <ceci@puc-campinas.edu.br>.

abordagens com base na teologia e também nas ciências da religião, refletindo um esforço que tem caracterizado congressos da área desde que os programas de ciências da religião foram crescendo e marcando presença nos eventos da SOTER.

Introdução

A abertura do Congresso foi feita pelo teólogo Pedro Trigo, professor da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Andrés Bello em Caracas e pesquisador do Centro de Estudos Sociopolíticos da Companhia de Jesus na Venezuela. Trigo proferiu sua Conferência marcando a posição crítica latino-americana, afirmando que não estamos de fato diante da secularização (*secularidad*), mas ante a idolatria, isto é, ao despotismo das grandes corporações que se tornou hegemônico. Hoje esse processo não acontece porque as forças econômicas se absolutizaram. A verdadeira secularização, afirmou, deve desabsolutizar as forças humanas que se arvoram a serem absolutas. O medo da recessão justifica o sacrifício da remuneração do trabalho e sua estabilidade; da segurança social; da vida das maiorias e, especificamente, dos jovens e dos velhos.

Para Trigo, a secularização deve ser complementada pelo pós-secularismo, isso quer dizer que a neutralidade do Estado a respeito da cosmovisão religiosa ou não religiosa deve ser mantida. Entretanto, a cidade - sem querer julgar a religião - deve acolher e contar com aqueles que, por sua condição religiosa, atuam em favor da humanização e da convivência simbiótica. A cidade não deve favorecer a religião como tal, mas apoiá-la na medida em que ajuda os cidadãos a serem sujeitos bem constituídos e posicionados a partir de uma convivência aberta e horizontal, pelos bons frutos que venha a oferecer à comunidade. Ademais, a negativa desse favorecimento mais institucional obriga a religião a não descansar em si e não absolutizar-se, mas a viver sua missão e apreciar os frutos que transcendem sua institucionalidade. Essa instigante contribuição, própria de uma sensibilidade desenvolvida no interior de uma teologia militante e comprometida com as lutas pela libertação social, no entanto, não pareceu ser bem aproveitada no Congresso, pois não chegou a desestabilizar a noção de secularização ainda bem apoiada na reflexão sociológica mais tradicional (Berger/Weber). Vale retomar, portanto, a Conferência publicada no livro que reúne as grandes conferências do Congresso, organizado por Vítorio e Burocchi (2015).

Ainda em torno do eixo da secularização situou-se a Conferência da professora Sandra Duarte de Souza, doutora em Ciências da Religião e coordenadora do Grupo de Estudos de Gênero e Religião Mandragora/Netma, ligado à Universidade Metodista de São Paulo, que instigou a assembleia a refletir sobre secularização e laicidade, não apenas buscando identificar a relação entre o nível de secularização da sociedade e a maior ou menor incidência da religião sobre os sujeitos sociais, mas enfrentando o debate sobre a ação política de grupos religiosos hegemônicos no processo de definição das fronteiras do público. Em sua exposição, procurou discutir as relações de poder que transformam a fronteira da religião na sociedade, considerando especialmente as relações de gênero.

Para o fechamento do debate em torno desse eixo, foi organizada uma mesa redonda a qual contou com a exposição de José Paulo Giovanetti, professor titular do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, bem como uma nova contribuição do teólogo Pedro Trigo. O primeiro, tendo como referência a abordagem psicológica, propôs uma

reflexão sobre a função da religião na sociedade contemporânea, denominada por ele *psi*, pois é uma sociedade mergulhada no movimento centrípeto, em direção a si mesma, fechada ao encontro do sujeito com a alteridade, com o desconhecido, com o Totalmente Outro. Para Giovanetti, a religião, mesmo passando pelo itinerário histórico que resultou na individualização, tem ainda força capaz de reverter essa situação de fechamento do sujeito, pois tem potencialmente condições de apresentar ao homem uma saída para a vivência da exterioridade, para encontrar um caminho de superação do seu mundo interior.

Nessa mesa, o teólogo Pedro Trigo trouxe para o debate elementos da tradição cristã e uma compreensão de salvação que implica a construção no mundo de uma unidade fraternal. Trigo frisou que a secularização é um processo que não oferece dificuldades ao cristianismo e chegou a afirmar que ela é mesmo uma exigência para a vida cristã.

O cristianismo, para o teólogo, desborda o âmbito da religião institucional, pois afirma a relação com o divino vivida fundamentalmente como reconhecimento agradecido da ação amorosa de Deus que liga o humano à existência e aos demais. A proposta de salvação cristã se realiza na vida histórica e tem como sujeitos os seres humanos. A salvação equivale à humanização, isto é, à realização humana como filhos e filhas de Deus numa unidade fraternal. Nesse sentido, a secularização não é tida como um âmbito da esfera pública em contraposição à esfera do sagrado.

O “século” é um dos âmbitos da realização humana integral que acontece na vida histórica. Assim, segundo Trigo, para o cristianismo sagradas são as pessoas e não as instituições. Elas são as destinatárias do amor transformador de Deus que as convoca ao vínculo fraternal. Nessa perspectiva, a secularização, enquanto esforço de favorecer a convivência dos diferentes, é um processo afirmado pelo cristianismo. Trigo acrescentou ainda que a mesma deve ser complementada pelo pós-secularismo, isto é, uma condição de convivência em que a neutralidade do Estado não rejeite a cosmovisão religiosa, mas leve à admissão conjunta de sujeitos religiosos e não religiosos a componentes empenhados na construção da convivência fraterna onde não sejam ignoradas as diferenças, mas que as mesmas sejam aceitas como riqueza de cada um para os demais.

Globalização

O segundo eixo, globalização, foi abordado inicialmente pelo sociólogo da religião Vincenzo Pace, da Universidade de Pádua. Em sua Conferência, Pace enfatiza a mobilidade exigida pela globalização e a nova configuração da vivência religiosa em meio ao intenso movimento migratório. As religiões são obrigadas a se desterritorializar, não tendo mais fronteiras. Os confins simbólicos das religiões com seus conteúdos doutrinais tornam-se mais maleáveis, adaptáveis e de difícil controle institucional. A globalização cria a diversidade religiosa, multiplica formas de crer com fronteiras e limites móveis. Pace observa que a religião migrante no contexto de globalização reveste o novo ambiente de familiaridade, pois tende a reproduzir o modelo vivido na pátria de origem. No entanto, dessa religião podem surgir tendências opostas: a abertura ao diálogo e o fechamento à nova cultura. Refletir sobre o fenômeno religioso e seus desdobramentos sociais contraditórios numa sociedade globalizada marcada pela grande pluralidade religiosa é, com certeza, o grande desafio contemporâneo.

Para Vincenzo Pace, a globalização tem exigido do estudioso da religião uma nova postura, pedindo a busca pela descentralização do conceito de religião e métodos de análise que se

encontram atualmente marcados pela matriz filosófica europeia. A reflexão sobre religião e globalização pôde também ser aprofundada com as contribuições da socióloga Cecília Mariz, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, e do teólogo Alberto Moreira, do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

A professora Cecília trouxe para o Congresso uma discussão que é fruto de pesquisas que tem realizado sobre as missões evangélicas e católicas promovidas pelas “novas comunidades”. Tematiza também a relação entre religião e mobilidade, ressaltando a ligação entre as espiritualidades de tipo pentecostais e o fenômeno da globalização. Essas espiritualidades valorizam “o movimento”, viagens e deslocamentos em geral. Em sua Conferência, Mariz chamou atenção para fatores que ajudam a compreender o sucesso da religiosidade de tipo carismático pentecostal, especialmente entre as populações da periferia do sistema econômico atual. Para ela, as pesquisas com esses grupos revelam que essa espiritualidade ajuda a formar comunidades que promovem recursos para que indivíduos à margem da sociedade globalizada sobrevivam. Além disso, com seus projetos de “missão” oferecem aos indivíduos a possibilidade de também se deslocarem com relativamente menos riscos e tendo um apoio mútuo.

Em contraposição à fala mais pontual de Mariz, Alberto Moreira, assumindo uma análise com base nas ciências da religião, retoma uma perspectiva mais geral. Procura abordar algumas formas pelas quais os processos de globalização econômica, política e cultural têm afetado as religiões. Distingue quatro âmbitos em que a globalização está mudando as condições objetivas e subjetivas da experiência religiosa: no do avanço da cultura de consumo, a qual torna-se uma ambiência e leva as igrejas e instituições religiosas a assumirem a racionalidade mercadológica e a concorrência agressiva, muitas vezes reduzindo-as a supermercados de bens simbólicos; no âmbito da crescente midiatização da cultura, que traz como consequência para a religião a potencialização de sua capacidade de comunicação, mas também sua folclorização – a cultura mediática formata a religião para proporcionar vivência estética e impacto emocional seguindo os parâmetros da sociedade do espetáculo; no âmbito do fortalecimento da cultura do indivíduo, pluralizando os mundo religiosos e favorecendo uma dinâmica individualizante, ou seja, uma religião de indivíduos que valha somente para subjetividades; no da expansão global dos direitos humanos que, compreendidos no contexto da cultura de consumo, da cultura midiática e da cultura do indivíduo, apóiam formas religiosas as quais conseguem operar uma redução terapêutica da complexidade e desagregadora da realidade cotidiana, reencaixando, ressocializando e empoderando o indivíduo, isso o reenergiza e o impregna de emoções, incentiva uma vivência estética do prazer, motiva uma postura confiante, “pró-ativa” e “cri-ativa” diante do mundo.

Uma vez colocados esses pontos, Moreira faz uma instigante crítica à secularização, afirmando que a mesma precisa ser submetida a uma crítica radical, pois, para ele, a clássica teoria da secularização pretende valer não como uma ferramenta teórica para entender esse processo particular da cristandade europeia, mas como filosofia da história, um processo geral, universal e inevitável para toda a humanidade. Para Moreira, a presença da religião no espaço público global não vai diminuir de intensidade como previa essa teoria. A complexidade dos processos globais está atingindo o campo religioso o qual está constituindo-se em arena onde enfrenta-se uma multiplicidade de novas questões cruciais, tais como, o problema das migrações transnacionais, do desenraizamento planetário, do multiculturalismo, do pluralismo religioso e moral, das questões de gênero, das mudanças na família e na sexualidade, dos problemas ambientais e de justiça social, bem como da falta de sentido.

Educação

A reflexão sobre religião e espaço público no eixo da educação foi conduzida pelo Prof. Gilbraz Aragão, do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco. A Conferência foi intitulada “*Religião, educação e ética*”. Olhando para a contemporaneidade de forma mais otimista, ele afirma que a mundialização possibilita uma consciência religiosa nova, mais dialogal. Como teólogo, referindo-se ao processo de abertura pelo qual passa o cristianismo, exemplifica.

Ultrapassamos o lema “fora da Igreja não há salvação” e passamos pelo “só Jesus salva”, para chegar, quem sabe, agora, à proposição inclusiva que pode transformar a saudade do nosso particular ‘Jardim do Éden’ em uma esperança para toda a gente: o gesto amoroso, que encarne historicamente justiça e gentileza, que exerce o descentramento de si e a comoção com o desejo do outro, traz sempre saúde, salvação – é espiritual e transcendente, mesmo que seja o cuidado com uma “florzinha”! Toda “Carne” se vincula e toda matéria pode transparecer Espírito quando se relaciona amorosamente (VITORIO & BUROCCHI, 2015, p.178).

Aragão vai propor religião como pedagogia (ou talvez, mistagogia), como educação para uma mística, isto é, para o encontro com o mistério que perpassa tudo. Encontro que deve levar a uma postura humana mais reverente, pois a experiência mística – como testemunha a tradição – leva à descoberta da criaturalidade, ou seja, a constatação da imensa assimetria existente entre o imanente e o transcendent, a pequenez da criatura diante da imensidão do Sagrado. O desdobramento da experiência do Sagrado é a descoberta do sentido ontológico da humildade.

A religião no contexto contemporâneo de mundialização, que deve conduzir a uma mística, possibilitará, segundo Aragão, fortalecer a ética do cuidado: “[...] acho que não podemos fundamentar plenamente a fraternidade em meio às diferenças humanas, por exemplo, se não nos abrirmos a um poder mater-paternal que nos criou” (VITORIO & BUROCCHI, 2015, p.185).

Foi de fato uma bela Conferência. Marcada por sensibilidade poética e experiência pedagógica, refletiu a militância do teólogo envolvido com a causa do diálogo ecumênico, inter-religioso e transdisciplinar.

A Conferência conclusiva com a qual se fechou o Congresso foi feita pelo teólogo Luís Carlos Susin, Professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, ex-presidente da SOTER e figura marcante nos congressos anuais. Intitulada “*Religião no espaço público: a busca de sanidade entre fanatismo e esquizofrenia*”, a Conferência ofereceu alguns critérios para uma vivência religiosa saudável em tempos onde a religião tem sido ameaçada por fanatismo e esquizofrenia.

A boa religião, ele afirma, é a que confirma e solidifica a confiança e ajuda a administrar as doses de angústia próprias de uma existência ameaçada, levando à maturidade, à liberdade e à autonomia. Implica uma forte convicção, porém discernida no enfrentamento dos desafios da vida com a ajuda de estudo, pesquisa e reflexão. No contexto plural em que se vive atualmente, ele adverte, é preciso investir em alguns requisitos básicos: ter coragem de confessar a própria ignorância a respeito da convicção dos outros; não desvalorizar a convicção do outro pelo enaltecimento da própria convicção; evitar a destruição da diferença no esforço do diálogo; trabalhar uma hierarquização da importância das diferenças; nutrir o diálogo “interconviccional” pela aliança em engajamentos éticos comuns de interesse social.

Afirma a laicidade “inventada” pela modernidade, como a melhor maneira de administrar o pluralismo religioso, mas critica a contraposição entre religião e espaço público que caracteriza algumas formas de laicidade. Admira a experiência brasileira.

No Brasil, a questão da laicidade não é fraca esquizofrenia conseguida por grupos entusiasmados com a laicidade sem manifestações religiosas, praticamente impenetrável em meios populares, mas o reconhecimento do pluralismo religioso da sociedade civil e a necessidade de um Estado laico, isento e neutro, que administre o pluralismo de expressões com justiça e consideração pelo bem comum (VITORIO & BUROCCHI, 2015, p.202).

Enfim, para Susin, o maior sinal de saúde das religiões é a sua capacidade de abertura à hospitalidade. Para ele a hospitalidade é a alma da religião.

Conclusão

Enfim, avaliando o Congresso, podemos dizer que a estruturação em eixos para organizar a reflexão sobre um tema tão amplo como o escolhido – “religião e espaço público” – foi muito importante. As conferências, individualmente, trouxeram elementos muito interessantes e a escolha dos conferencistas de fato refletiu um esforço de contemplar as várias abordagens, que é sempre expectativa da assembleia.

Sem deixar de reconhecer que o Congresso foi, como outros da SOTER, momento significativo de encontro e oportunidade de aprofundamento para pesquisadores e pesquisadoras, apontamos alguns limites. Observamos que as mesas redondas nem sempre conseguiram articular bem as contribuições dos convidados e as conferências proferidas nem sempre dialogaram bem entre si. Através das perguntas foi possível perceber que as falas eram acolhidas de maneira isolada. Também a participação da assembleia restrita a perguntas elaboradas por escrito, em função das dificuldades práticas de um Congresso com grande número de participantes, comprometeu a espontaneidade do debate que foi, em outras oportunidades, momento de enriquecimento. Contudo, vale reconhecer o mérito da diretoria da SOTER por mais um Congresso. Mais um marco na história da teologia e das ciências da religião no Brasil.

Referência

VITÓRIO S.J.J.; BUROCCHI, A.M. *Religião e espaço público: cenários contemporâneos*. São Paulo: Paulinas, 2015.